

Rio sem hospitais para cardíacos

■ Falta de pessoal especializado e de novos equipamentos leva carioca a se operar em São Paulo

João Cerqueira

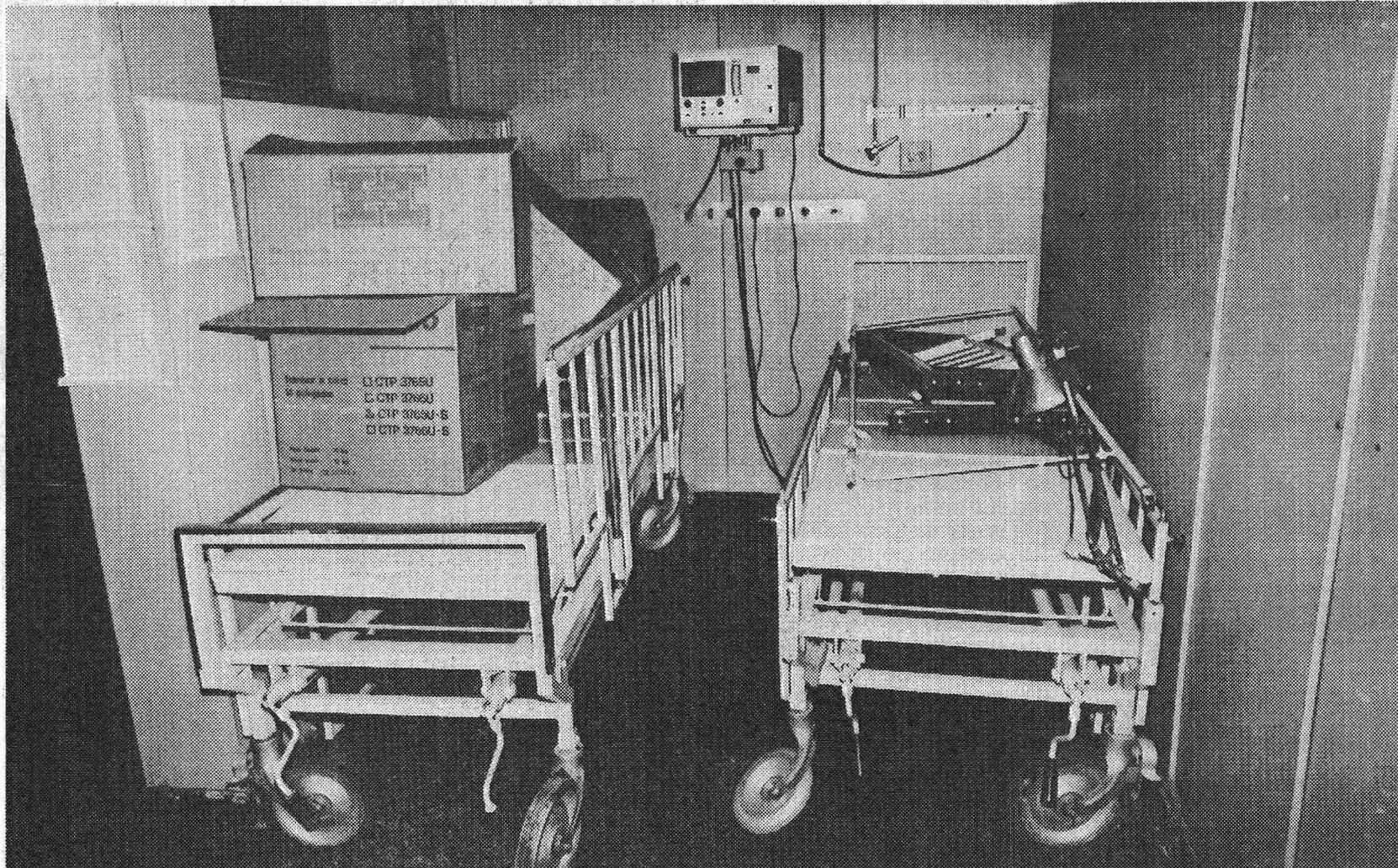
Dulce Jannotti

O coração do carioca está doente e a ponte aérea para São Paulo tem sido a opção confiável para quem precisa de uma cirurgia cardíaca. As doenças do coração são responsáveis por cerca da metade dos óbitos em nosso estado e se estima que 20% da população adulta sofre de hipertensão. Mas os dois hospitais de referência para estes pacientes — o Hospital de Cardiologia de Laranjeiras e o Instituto Estadual de Cardiologia Aloysio de Castro (Iecac) — não conseguem atender à demanda por falta de pessoal, equipamentos e materiais básicos para o tratamento das doenças do coração.

No Hospital de Laranjeiras, 19 pessoas aguardam nas enfermarias a implantação de um marcapasso definitivo, procedimento que levaria menos de 24 horas, caso a Secretaria estadual de Saúde fornecesse os aparelhos. Alguns pacientes, como o aposentado Jorge Correia Rocha, de 56 anos, esperam há mais de três meses, ocupando leitos que fazem falta a outros doentes. "Pelo menos 10 pacientes já poderiam ter passado por este leito", lamenta o chefe da unidade coronariana, Luís Henrique Loyola.

O drama de Jorge Correia Rocha foi vivido há três meses por seu filho Sérgio, de 27 anos, que teve que esperar dois meses para ter um marcapasso implantado no Hospital de Laranjeiras. Os dois sofrem da doença de Chagas, que não tem cura e ataca o coração. A família mora em Duque de Caxias e um dos irmãos de Sérgio morreu há três anos por problemas causados pela doença. Além dos pacientes que aguardam um marcapasso, o Hospital de Laranjeiras faz o controle periódico de 115 pessoas que já têm o aparelho implantado, e 10 delas precisam trocar suas unidades, devido ao desgaste pelo tempo de uso.

Embora com modernas instalações, o Hospital de Laranjeiras só pode realizar uma cirurgia de adulto e uma infantil por dia, porque dispõe de apenas uma equipe de cirurgiões para adultos. No momento, as cirurgias infantis dependem da colaboração de especialistas de outros hospi-



Completamente equipado, o CTI do Hospital de Cardiologia em Laranjeiras não está funcionando porque não tem pessoal

tais que se disponham a operar no Hospital de Laranjeiras. O CTI do hospital, com capacidade para seis leitos e equipamentos de última geração, está desativado por falta de pessoal. No resto do estabelecimento, boa parte dos equipamentos é obsoleta ou está quebrada e dos 191 leitos, quase a metade está desativada devido à grande carência de médicos, enfermeiros e auxiliares de enfermagem.

A situação do Iecac, no Humaitá, é ainda pior. Fundado há 50 anos, o hospital, nos últimos 15 anos, realizou somente cinco cirurgias de ponte de safena por absoluta falta de estrutura, apesar de ser o pioneiro neste tipo de operação. "O Iecac se transformou numa espécie de Fundação Leão XIII da Zona Sul, onde ficam os doentes idosos crônicos", afirma o cardiologista Adailton Batista, acres-

centando que, como não se consegue resolver o problema do paciente, ele fica internado em média 35 dias. Tanto o Hospital de Laranjeiras, que pertencera ao Inamps e foi estadualizado, quanto o Iecac não dispõem de serviço de emergência.

O recém-eleito presidente da Sociedade de Cardiologia do Rio de Janeiro, Francisco Albanese, lembra que no início dos anos 60 quem introduziu as técnicas do cateterismo — exame de Raios X que filma as artérias — no Rio foi o cardiologista Stans Murad Netto, que trouxe dos Estados Unidos um aparelho de hemodinâmica e o instalou no Iecac. Até hoje, este é o único aparelho de hemodinâmica do hospital, que funciona precariamente pelo desgaste de 30 anos de uso. Stans Murad Netto e outros grandes especialistas também

continuam trabalhando no Iecac, mas não podem aplicar seus conhecimentos.

Em 1987, o governo do estado construiu uma moderna sala de hemodinâmica no instituto, que nunca funcionou, porque a "estrela principal" — o novo aparelho — não foi adquirido. Os nove andares do hospital estão em completo abandono, com 100% do berçário desativado, os seis leitos de CTI pós-operatório fechados, assim os leitos de cirurgia vascular. "Não existe receita em nem estetoscópio no Iecac; o médico é que leva de casa" conta Adailton Batista. A decadência do instituto é visível em seus corredores sujos e ambulatórios mofados.

"Enquanto o Rio de Janeiro foi há um mês capital internacional da luta pela preservação da vida, assistimos a esse quadro em que uma parte

considerável da população que sofre problemas cardíacos fica desamparada", disse o diretor do Sindicato dos Médicos do Rio de Janeiro, Jorge Darze. "O que mais impressiona na situação da cardiologia do Rio de Janeiro é que temos uma cardiologista à frente da Secretaria estadual de Saúde e um ministro da Saúde que é cirurgião cardíaco", diz Jorge Darze, acrescentando que não faltam profissionais competentes no estado, mas que o problema de carência de pessoal não pode ser resolvido com o baixo salário que recebem hoje os médicos. Procurado pelo **JORNAL DO BRASIL**, o secretário estadual de Saúde, Luís Orlando Cadorna, se limitou a informar, através da sua assessoria de comunicação, que está tentando resolver a falta de marcapassos, que na sua opinião é causada pela grande demanda de pacientes.